



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

SAMBADEIRAS DO RECÔNCAVO DA BAHIA: UM PROJETO DE DIFUSÃO DO SAMBA DE RODA ENVOLVENDO UM COLETIVO DE MULHERES

SAMBADEIRAS DE RECÔNCAVO DE BAHIA: UN PROYECTO DE DIFUSIÓN DE SAMBA DE RODA ENVOLVIENDO UN COLECTIVO DE MUJERES

Clécia Maria Aquino de Queiroz/ Universidade Federal de Sergipe/Brasil

RESUMO

Este artigo aborda um trabalho de difusão do samba de roda, o *-Sambadeiras do Recôncavo da Bahia*, que se caracteriza pela produção de 18 vídeos individuais com entrevistas de mestras sambadeiras para divulgação através da internet, iniciado a partir do trabalho de campo de minha tese de doutoramento em Difusão do Conhecimento (UFBA) e concretizado após a defesa da mesma. O trabalho, que tem como suporte teórico-epistemológico a Multireferencialidade e a Etnocologia é centralizado em 20 mulheres baianas negras que vivenciam e dão continuidade à tradição de sambas nas suas localidades. Com pouco mais de um ano, alguns desses vídeos foram vistos por milhares de internautas e têm auxiliado na divulgação da prática das mestras sambadeiras e na preservação da memória de seus antepassados. O artigo traz um pequeno recorte dos depoimentos obtidos nessas entrevistas relacionados com a maneira como elas vivenciam o samba, como o veem e fazem dele parte significativa nos seus cotidianos. Ressalta ainda o papel da mulher no samba de roda e seus desejos de manter viva essa expressão cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Samba de Roda. Difusão na Internet. Protagonismo Feminino. Recôncavo Baiano.

RESUMEN

Este artículo aborda un trabajo de difusión de la samba de roda, *Sambadeiras do Recôncavo da Bahia*, que se caracteriza por la producción de 18 videos individuales con entrevistas a maestras de samba, para su difusión a través de Internet, a partir del trabajo de campo de mi tesis doctoral en Difusión del Conocimiento (UFBA) y concretado después de su defensa. El trabajo, que se apoya teórica y epistemológicamente en la Multireferencialidad y Etnocologia, centrado en 20 mujeres negras bahianas que



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

vivencian y dan continúan la tradición de las sambas em sus localidades. Con poco más de un año, algunos de esos videos fueron vistos por millares de internautas y tiene el auxilio en la divulgación de las prácticas de las maestras sambadeiras en la preservación de la memoria de sus antepasados. El artículo trae un pequeno extracto de sus testimonios, relacionados com la forma em que experimentan la samba, como la ven y la convierten en una parte importante de su vida diaria. También destaca el papel de la mujer en la samba de roda y su deseo de mantener viva esta expresión cultural.

PALABRAS CLAVE: Samba de Roda. Difusión en Internet. Protagonismo Femenino. Recôncavo Baiano.

1. INTRODUÇÃO

Saubara (BA). Salão de uma escola decorado com tecidos de chita de flores azuis e laranjas. Um banner está pendurado na parede, e nele se lê: *Circulando com as Mulheres do Samba de Roda*. Próximo a este, um quadro branco posto para projeção de vídeo e, ao lado, um tocador apoia nas pernas uma viola. Na frente de tudo isso, um semicírculo formado por 15 mulheres sambadeiras ricamente vestidas de saias rodadas. Branco, amarelo-ouro, estampas coloridas se misturam nos trajes que também combinam rendas, brocados e tecido com estampa com motivos africanos. Colares, ojas, torços na cabeça. Elas estão sentadas, à exceção de uma delas que está de pé diante de um atabaque com um microfone posto na sua frente. Três delas possuem na mão um pandeiro e uma quarta segura um *xequerê*. Uma *marcação* está entre as pernas de mais uma. Outra tem na palma da mão um prato e segura na outra uma faca. Fechando a ponta do semicírculo está mais uma segurando tabuinhas. Na outra ponta do semicírculo, uma mulher vestindo calça comprida e bata branca segura um microfone na mão. Completando o círculo algumas cadeiras e muitas pessoas sentadas no chão e outras tantas em pé. Há um espaço vazio entre estas e as artistas, repleto de folhas verdes que



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

deixam perfumado o ambiente. A voz da senhora do atabaque ressoa no espaço



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

juntamente com o som dos instrumentos e as palmas daquelas que estavam de mãos vazias:

*Não mandei iaiá me querer bem,
Não mandei iaiá me quer bem Não
mandei iaiá me querer bem Não
mandei iáia*

O coro formado pelas vozes agudas de todas as mulheres da roda responde:

*Cadê a joia do maior
Cadê a joia do maior
Cadê a joia*

—Todo mundo!!!, anima com vigor a senhora no microfone. E o coro responde:

*Segure a asa do pavão pra não voar Se
você é de Bom Jesus, eu sou de lá
Ai, ai, meu amor ai ai
Ai, ai, meu amor ai ai*

A voz da senhora do atabaque soa como um grito abafado no peito que quer explodir por entre as cavidades acústicas da cabeça e o tubo da laringe. Lá de trás, a viola chora junto com ela O coro tem a força da energia feminina. A mulher vestida de bata e calça branca levanta-se e vai até a plateia. Retorna trazendo pela mão uma jovem de saia comprida e mini blusa que adentra o círculo com seu *miudinho* fazendo sinal de reverência às sambadeiras que tocam e cantam. Em seguida, segura as duas bandas da saia e corre a roda em sentido anti-horário, elegante, faceira e sorridente. Rodopia uma, duas, três vezes. —Cadê a joia do maior / Cadê a joia do maior / Cadê a joia!!!. A solista que toca atabaque grita para o violeiro: -Chora, viola!!!. Ela e o coro se calam, então, e o instrumento rítmico-melódico enche a sala com seus ponteados. A jovem volta a correr a roda, dessa vez em sentido horário. Gira, gira, gira...! Dialoga com os instrumentos, deixando cair o corpo para lá e para cá, lembrando o samba dos caboclos. Rodopia uma vez mais, bate palmas



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

agradecendo às instrumentistas e retorna para a plateia de onde já sai outra mulher para sambar.

Não é comum no Recôncavo uma roda de samba só de mulheres cantando e tocando. Existem alguns grupos que tem um protagonismo das mulheres², mas geralmente elas não se ocupam dos instrumentos musicais, que são tocados pelos homens. A cena narrada nos parágrafos anteriores reúne 14 mestras cantando e tocando juntas. O evento foi o de encerramento da primeira etapa do projeto *Circulando com as Mulheres do Samba de Roda*³, produzido pelos articuladores culturais Rosildo Rosário e Luciana Barreto. Naquele momento elas assumiram um papel que não é o que comumente fazem, embora também atuem nas funções assumidas. É de D. Rita da Barquinha a voz solo. Sua mãe havia falecido poucos dias antes, e ainda muito emocionada reverteu suas lágrimas em samba para não faltar com o compromisso assumido anteriormente. Também deslocada de sua principal atividade artística, a cantora Carol Soares é a sambadeira jovem trazida pela mulher de calça e bata branca, que sou eu, que ali estava a mediar uma roda de conversa com as sambadeiras. Nos momentos que se seguiram à cena, outras senhoras da plateia entraram na roda e, portanto, foi um evento muito protagonizado por mulheres.

Essa cena foi utilizada para introduzir este artigo, que relata e discute um projeto de difusão de conhecimento, o *Sambadeiras do Recôncavo da Bahia*, que consiste na produção e edição de vídeos que trazem entrevistas gravadas com 12 sambadeiras, com o objetivo de veicular e difundir os saberes e trabalhos dessas mulheres, através da sua disponibilização na internet. Em função disso, cenas como

² Dois exemplos de Grupos protagonizados por mulheres: *As Paparutas* da Ilha de Paty, em São Francisco do Conde, que cantam e fazem coreografias portando gamelas com comida na cabeça e o *Voa Voa Maria*, que se destaca pela quantidade grande de sambadeiras, que assumem o canto e também as composições. Contudo, em nenhum dos dois grupos são as mulheres que tocam os instrumentos musicais.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

³ *Circulando com as Mulheres do Samba de Roda*: o projeto contou com a participação de 15 Mestras sambadeiras de diferentes municípios do Estado da Bahia Posteriormente, houveram outras apresentações do evento, em Imbassaí e Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo e Jundiá (SP).

essa nas quais elas cantam, tocam e compartilham a roda com o público participante, associadas com histórias de vida narradas que envolvem lutas e superações, foram vistas de forma remota, por diferentes públicos no Brasil e no exterior.

O projeto *Sambadeiras do Recôncavo da Bahia* nasceu a partir da elaboração da minha tese de doutoramento em Difusão do Conhecimento, cujo objetivo era analisar as configurações cênicas do samba de roda do Recôncavo Baiano. A gravação de entrevistas em áudio e vídeo foi um dos recursos metodológicos utilizados. Durante o processo, percebi que cada uma das falas das mestras era um registro precioso de histórias e saberes importantes demais para deixa-lo restrito à academia. Por outro lado, publicizar as entrevistas de forma ampla através da internet também seria um modo de devolver o trabalho para as comunidades de samba e ao mesmo tempo dar visibilidade àquilo que elas fazem e produzem.

A difusão do conhecimento se insere neste estudo, portanto, no entendimento da necessidade de socializar o conhecimento produzido a partir de práticas de comunidades tradicionais, que guardam valores simbólicos ancestrais muitas vezes silenciados não apenas pela primeira colonização do nosso país, mas por uma segunda, —não horizontal, e que penetra na nossa grande reserva que é a própria alma humanall (ARAÚJO, 2015, p. 84). Uma colonização resultante de mecanismos de manipulação da memória coletiva, produzidos por indivíduos que desejam tornar-se senhores da memória das classes e dos grupos a fim de os dominarem. (LE GOOF, 2003).

O samba de roda é uma prática expressiva tradicional que guarda memórias de sujeitos que ajudaram a construir a história da sociedade brasileira. Indivíduos que



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

estiveram à margem dos acessos às vias que poderiam lhes trazer melhores condições de vida e maior visibilidade dos valores contidos nas suas tradições, que



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

muitas vezes foram cerceadas. O meu intuito em produzir vídeos com entrevistas das mestras sambadeiras foi buscar o samba na memória dessas mulheres que protagonizam suas cenas nos corpos, compreender a história e a tradição das comunidades envolvidas nas suas narrativas, assim como difundir e compartilhar conhecimentos que pudessem auxiliar na construção de um presente e um futuro melhor. —Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 2003, p.471).

Em busca dessa memória, encontrei aportes epistêmicos na Multirreferencialidade, através dos referenciais teóricos dos trabalhos de Ardoino. (1998), Terezinha Fróes Burmham (1998, 2000, 2002), Roberto Sidney Macedo (1998, 2004) e na Etnocologia (PRADIER, 1999; KHAZNADAR, 1999; BIÃO, 1999, 2009), perspectiva pluridisciplinar internacional que tem como objeto as práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados (PCHEO), o que termina por envolver a análise de uma gama de fenômenos advindos de distintas áreas, desde a culinária, a dança, o teatro, o jornalismo, à política e às manifestações populares. (SANTOS, 2009).

Compreendo que o samba de roda traz em si elementos econômicos, psicológicos, artísticos, pedagógicos, que são geralmente compartimentados em diversos campos do saber. O próprio fenômeno em si traz também uma conjunção de linguagens artísticas que, por sua vez, são estudadas por diferentes áreas de conhecimento como a música, a dança, a literatura, as artes plásticas. E nessa direção, a Mutirreferencialidade é uma perspectiva que permite a sua compreensão, visto que considera um determinado objeto a partir de uma multiplicidade de referências, uma pluralidade de olhares, portanto, da heterogeneidade. Ao mesmo tempo em que distingue as diferenças dessas referências, busca-se uma



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

comunicação entre elas e não uma homogeneização. Entendendo que os problemas a serem respondidos têm contextos diferentes e dependem de como os indivíduos ou grupos sociais se articulam, não existe a pretensão de definir-se um corpo teórico a priori para tratar esse problema, o que não significa uma falta de rigor. (FAGUNDES; BURNHAM, 2001).

No caso do samba de roda, expressão cultural nascida de encontro entre culturas, praticada por afro-brasileiros oriundos das classes mais desfavorecidas, fatores econômicos, históricos convivem com necessidades e anseios de liberdade, autoafirmação, resistência, preservação de valores ancestrais. Por outro lado, os sujeitos sociais que o vivenciam também frequentam outros universos culturais como os cultos católicos, os ilês dos candomblés, as irmandades leigas, associações comunitárias. Parto do princípio de que para compreender as narrativas das mestras do samba de roda, essas realidades precisam ser vistas na sua dialogicidade. Além disso, elas se traduzem em saberes musicais, corporais, visuais, literários, que não se reduzem uns aos outros, mas se articulam e se complementam numa expressão e discurso cênico. Ou seja, o próprio samba de roda é, em si, multirreferencial.

Apoiada nesses alicerces teóricos-epistemológicos busquei interagir conceitualmente com o método etnográfico, também chamado de observação participante, valendo-me também de métodos da história oral e de narrativas de vida.

A próxima sessão descreve o projeto de difusão do conhecimento, o canal do Youtube intitulado *Sambadeiras do Recôncavo da Bahia*.

2. O CANAL DO SAMBA DE RODA NO YOUTUBE

Esta sessão aborda o projeto de difusão do samba de roda -*Sambadeiras do Recôncavo da Bahiall*, que se caracterizou pela produção de 18 vídeos individuais



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

com entrevistas de 12 sambadeiras para divulgação através da internet – portal do Youtube –, iniciado em junho de 2019.

A escolha das 12 entrevistadas se deu em função da importância das suas trajetórias e por acreditar que suas expertises levar-me-iam a um melhor entendimento do samba de roda. Elas foram entrevistadas longamente e tiveram os seus depoimentos gravados em vídeo, nos quais falaram de suas vidas, de como elas aprenderam, veem e praticam o samba de roda. Por esse motivo, seus discursos foram tomados como fonte substancial deste artigo. O livro, o CD e o DVD *Mulheres do Samba de Roda*, que trazem o perfil de sete delas, foram importantes fontes para o colhimento de mais informações sobre essas mestras, assim como as pesquisas de Döring (2015, 2016) acerca do tema.

A captação das imagens, bem como a edição dos vídeos, foi feita por três alunos da UFRB, Rachel Mercês Teixeira, Pedro Maia de Brito e Fernanda Silva Ferreira, dos cursos de Comunicação Social, Cinema e Áudio Visual e Artes Visuais, respectivamente, sob minha orientação. Foram realizadas em alta resolução (HD), utilizando duas câmeras, mas foram realizadas também filmagens com o uso de aparelhos celulares, sobretudo das performances delas. Esse trabalho foi mais que tudo um aprendizado para todos nós, uma vez que eu nunca havia feito esse tipo de trabalho e eles também eram iniciantes nessa prática. Isso representou um tempo muito maior que o esperado, mas, por outro lado, a leitura das imagens e do contexto que o conteúdo das falas nos remetia foi sendo realizada simultaneamente com a criação dos vídeos. Isso me proporcionou uma familiaridade maior com suas histórias e comportamentos cênicos.

Na edição dos vídeos, foram incluídas algumas imagens das sambadeiras, fotografadas ou filmadas por mim ou também provenientes de seus arquivos pessoais, referentes às performances ou eventos relacionados com suas falas.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Dessa maneira, possibilitamos a(o) espectador(a) o acesso ao universo dessas mulheres de forma menos abstrata do que o que as palavras faladas podem oferecer.

Todas as entrevistas foram realizadas entre os meses de abril e novembro de 2018, à exceção de uma delas que foi complementada em fevereiro de 2019 por questões de ruído demasiado na captura das imagens quando realizada no ano anterior. Trabalhei com um roteiro previamente elaborado com 35 questões abertas, flexibilizadas a partir das respostas das entrevistadas, sendo muitas vezes estendidas pelo teor e riqueza das informações. Atenta à possibilidade de falta de naturalidade diante de câmeras, para deixá-las mais à vontade e se acostumassem com os equipamentos e, dessa maneira, poder obter as revelações com a mesma espontaneidade com que se comunicam normalmente, busquei uma forma coloquial e descontraída de entrevista-las, como se travássemos um bate-papo, fugindo algumas vezes do roteiro quando necessário. Por essa razão, quando a edição ultrapassou 35 minutos, elas foram divididas em duas partes, que foram compartilhadas separadamente no canal do Youtube.

Para a edição, trabalhei com o texto das entrevistas transcritas, sinalizando aos estudantes editores as partes que deveriam ser retiradas, bem como lhes fornecendo fotografias e outras imagens das sambadeiras que haviam sido gravadas por mim durante o percurso da pesquisa. Também entraram como *inserts* outras imagens de arquivos pessoais dos entrevistados ou de outrem que nos foram fornecidas para que pudéssemos traçar um perfil pautado também na experiência prática das sambadeiras.

Ainda que sintetizadas no formato para melhor aproveitamento do tempo, as entrevistas foram editadas sem comentários acerca das falas, deixando ao espectador a possibilidade de fazer livremente a leitura, conexões e síntese das



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

informações.

A abertura de cada vídeo traz imagens de todas as sambadeiras envolvidas, incluindo suas performances, com um texto narrado que apresenta e contextualiza para o internauta os objetivos da série de entrevistas e o envolvimento da mesma nesta pesquisa de doutoramento.

Com um pouco mais de um ano de existência, o Canal Sambadeiras do Recôncavo da Bahia tem 483 inscritos e alguns vídeos ultrapassam 1.500 visualizações, como os de D. Fiita (1,4 mil), D. Dalva (1,8 mil), sendo que o de D. Cadu alcançou 2,2 mil e o de D. Nicinha do Samba, 3,8 mil.

A próxima sessão aborda e sintetiza alguns depoimentos contidos nas entrevistas dos vídeos postados no canal *Sambadeiras do Recôncavo da Bahia*, relacionados com a maneira como elas vivenciaram o samba, como o veem e o difundem, para que se possa ampliar o entendimento do samba de roda através das vozes das mulheres que fazem dele parte significativa nos seus cotidianos.

É preciso ponderar, entretanto, que essas sambadeiras vivem em diferentes localidades, o que implica em realidades diferentes, ainda que similares em muitos aspectos. Os processos de produção e troca de saberes e práticas, assim como valores, estilos, expressões, estéticas diferem. Ao trazer as suas falas, tentei selecionar determinados pontos nos quais pudesse considerar as individualidades, mas também olhar para o conjunto, sabendo que não seria possível envolver todo um complexo de referências que pautam as vidas dessas mulheres e sua relação com o samba de roda.

3. AS SAMBADEIRAS DO RECÔNCAVO DA BAHIA NO YOUTUBE

Os 18 vídeos postados no Canal do Youtube Sambadeiras do Recôncavo da Bahia trazem entrevistas com 12 mulheres que se dedicam à prática do samba de



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

roda. Oito delas têm idade igual ou acima de 60 anos, sendo que a mais velha, D. Cadu, possui 100 anos, e a mais nova, Any Manuela, 35. São mulheres que aprenderam muito cedo a lutar pela sobrevivência própria e de suas famílias, com ocupações que variam entre trabalhos de ganho, de mariscagem, o artesanato, a atividade ceramista, serviços para terceiros, como doméstica. Duas delas trabalharam como charuteira (D. Dalva e D. Fiita), outras duas como educadoras (D. Fátima, D. Ana Olga) e uma delas com produção cultural (Any Manuela). Duas outras se graduaram na universidade, sendo que uma destas está fazendo pós-graduação.

Na edição dos vídeos, às entrevistas foram agregadas imagens das sambadeiras em desempenho, assim como fotografias que ajudassem a traçar um perfil delas. Na edição as questões feitas a elas foram divididas em 21 tópicos,⁴ que algumas vezes foram desdobrados para melhor entendimento das próprias respostas delas. Outras vezes foram subtraídas quando, de alguma forma, poderiam comprometer ou vir a prejudicar a entrevistada, a exemplo de críticas pessoais a determinados órgãos públicos. Desses tópicos, elegi quatro para analisarmos neste artigo, por compreender que eles podem auxiliar na compreensão do significado do samba nas duas vidas, da importância da valorização e manutenção dessa prática de tantas memórias ancestrais e, também, por entender que revelam o protagonismo da mulher no samba. Ao mesmo tempo, o fato de trazer apenas um pouco do que foi gravado ocorre pela esperança de que você, caro(a) leitor(a), acesse o canal do Youtube e assista as entrevistas na íntegra.

Os quatro tópicos que iremos examinar a seguir são: 1) Como o samba entrou na vida delas; 2) O que o samba de roda significa para elas; 3) Ser mulher no samba de roda; 4) Aprendizado com o samba de roda.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

⁴ Os tópicos das entrevistas foram: 1) Estudos em escola formal; 2) Trabalho fora do samba de roda; 3) 4) Como aprendeu o samba de roda; 5) O que é o samba de roda para ela; 6) O termo samba de roda; 7) A mulher no samba de roda; 8) O que é ser uma boa sambadeira; 9) O que não se pode fazer numa roda de samba; 10) Religião; 11) Samba de roda e candomblé; 12) Tipos de samba de roda do grupo; 13) Indumentária; 14) Viagens com o grupo; 15) A transmissão do samba de roda; 16) O ritual da roda no seu grupo; 17) Difusão do samba – dificuldades do grupo; 18) Relação com as outras sambadeiras; 19) Preconceito no município contra o samba de roda; 20) Patrimonialização do samba de roda; Incentivos do poder público municipal ao samba; 21) Planos para o futuro e ensinamentos obtidos com o samba de roda.

3.1 COMO O SAMBA ENTROU NA VIDA DELAS

O questionamento para as sambadeiras sobre a forma como o samba de roda entrou em suas vidas está presente em todos os vídeos do canal Sambadeiras do Recôncavo da Bahia e teve como objetivo o entendimento de como as comunidades do samba intercambiavam e retransmitiam seus conhecimentos. Tal compreensão poderia sinalizar como são feitos esses processos na atualidade e o quanto eles se aproximam ou se distanciam das experiências vividas pelas entrevistadas, considerando que a grande maioria delas está na faixa etária superior a 70 anos, embora também existem outras com idades entre 35 e 60 anos.

Cinquenta por cento das entrevistadas são filhas de mãe sambadeira, pai sambador ou, como no caso de D. Fiita e D. Santinha (2018), em que toda a família era ligada ao samba:

Minha mãe era uma sambadeira, meu pai era um sambador, batedor de pandeiro, meu tio era um batedor de pandeiro, minhas tias tudo era sambadeira. E aí eu via elas sambar, e minha mãe...minha mãe me levava. Aqueles tempos de caruru, e aí minha mãe me levava. Aí diziam assim: „samba aí, menina! “. (VASCONCELOS⁵, 2018)

Por esse motivo, o samba entrou nas suas vidas ainda quando crianças e através dos próprios familiares. Quando questionadas como foi a aprendizagem dos pais (ou mães), informam que eles (as) aprenderam também com os seus genitores e antepassados. D. Jane⁶, por exemplo, conta que o seu pai, Zé de Lelinha⁷, um dos



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

maiores tocadores de viola machete do Recôncavo, aprendeu a tocar com os irmãos

⁵ Maria Santos de Jesus Vasconcelos Luz: sambadeira do grupo *Raízes de Acupe*, Santo Amaro, conhecida como D. Santinha, em entrevista concedida a autora em abril de 2018.

⁶ Janilza Joane Ribeiro: sambadeira de São Francisco do Conde.

⁷ José Vitório dos Reis: conhecido como Zé de Lelinha, sambador de São Francisco do Conde, da comunidade da Pitangueira.

e a praticar nas festas organizadas pela própria mãe, que tinha o costume de armar presépios e fazer festas, rezas e carurus. D. Fiita⁸ revela que o pai aprendera a sambar com o avô dele, que era tocador de viola, e também com o tio, que tocava sanfona. Das falas delas, percebe-se uma herança de saberes que veio passando de geração em geração.

Os conhecimentos adquiridos com a família deram a essas mulheres a consciência do espaço ancestral que a roda de samba representa e nele aprenderam a pisar. D. Jane faz desse chão, também escola para outros poderem continuar o trabalho que herdou do pai e defende com tanto orgulho e identificação, dedicando-se à transmissão desses saberes a crianças na comunidade da Pitangueira, em São Francisco do Conde. E deixa que ela ocorra exatamente da forma como adquiriu: pela observação e prática. Já D. Santinha, D. Fiita e D. Zélia levaram os ensinamentos familiares para seus comportamentos cênicos, repletos da consciência do foco e de expertise em lidar com o espectador. São lideranças no corpo e nos pés que sapateiam seguras e conquistam as plateias com seus volteios. Não organizaram seus próprios grupos, mas são fundamentais para que aqueles dos quais participam existam, dado o grau de compromisso, dedicação, colaboração nos afazeres e a graça que imprimem com seus sambas.

As outras 50% das entrevistadas afirmam que o samba de roda chegou às suas vidas através da observação e participação nas festas das vizinhanças, dedicadas a São Cosme e Damião, Santa Bárbara, Santo Antônio, São Crispim, São



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Roque. Três delas, D. Dalva⁹, D. Rita da Barquinha¹⁰ e D. Nicinha do Samba¹¹, viriam anos mais tarde a tomar a iniciativa de criar seus próprios grupos e a se

⁸ Dilma Ferreira Alves Santana: sambadeira de Teodoro Sampaio, conhecida como D. Fiita.

⁹ Dalva Damiana dos Santos: sambadeira de Cachoeira (BA), conhecida como D. Dalva.

¹⁰ Maria Rita Silva Machado dos Santos: sambadeira de Bom Jesus dos Pobres, distrito de Saubara (BA), conhecida no samba e em toda região, por D. Rita da Barquinha.

¹¹ Maria Eunice Martins Lu.: sambadeira de Santo Amaro da Purificação (BA), conhecida como D. Nicinha do Samba

tornar referências culturais e identitárias de suas comunidades. A primeira, ao logo de mais de 50 anos de prática no samba, assumindo não apenas a liderança, mas também os papéis de cantora, compositora e sambadeira, construiu uma trajetória de tantas realizações para as manifestações culturais do município onde vive que fazem dela quase uma entidade. Suas contribuições à cultura foram reconhecidas pela UFRB, que lhe outorgou o título de *Doutora Honoris Causa*.

Observo que independentemente dos familiares serem sambadores e sambadeiras, as entrevistadas viveram um ambiente comunitário onde o samba era parte da vida das pessoas e compartilhado por elas. Como a faixa etária da grande maioria delas, como mencionado, é acima de 70 anos, elas vivenciaram um outro momento do samba de roda, quando ele acontecia com mais frequência e representava um dos poucos (e às vezes o único) momentos de diversão para os adultos. Os tempos eram outros, quando as rezas do catolicismo popular associadas ao samba de roda eram frequentes e faziam parte do cotidiano das pessoas, atingindo também os festejos juninos, como revela D. Rita da Barquinha, de Bom Jesus dos Pobres, onde pessoas daquela comunidade saiam levando o samba pelas ruas durante o dia, parando nas casas, comendo e bebendo o que em troca era ofertado pelos donos das moradias.

Eram tempos em que o samba era feito por amor, dizem D. Fiita e D. Biu¹², pelo simples prazer de brincar, de se divertir na companhia da comunidade. A



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

distância da localidade onde ia ocorrer uma roda não era empecilho; caminhava-se léguas para se chegar ao destino. Não havia grupos organizados, apenas tocadores, sambadores e sambadeiras. —Não existia samba de São Braz, conta D. Zélia. —Existia *samba chula* mesmo, samba mesmo, depois que as coisas foi evoluindo, as coisas começou a botar marca: *Samba Chula de São Braz, Samba Chula Acupe (...)*II.

¹² Berenice Borges dos Reis, sambadeira de São Francisco do Conde, conhecida como D. Bui.

D. Santinha lamenta que os costumes tenham mudado: —Hoje não tá tendo mais aquele caruru que tinha antigamente. Mas nos tempos dos mais velhos, da gente, o samba começava sete horas da noite, e cinco, sete horas da manhã era que ia parar. IIUm dos motivos para a diminuição da frequência dos sambas nas festividades religiosas, apontado por elas, é a entrada das igrejas evangélicas neopentecostais nas comunidades, que proibiram as homenagens e adoração aos santos, assim como a frequência das crianças nos carurus de São Cosme e Damião. Além de diminuir a quantidade de pessoas que realizam essas festas, isso também dificulta o cumprimento do preceito de oferecer comida a sete meninos antes dos outros servirem-se.

A respeito do fundamentalismo religioso, intrigante fenômeno que temos testemunhado, nos últimos anos, e que atingiu em cheio as comunidades do samba de roda, Bauman (2005) escreve:

Certas variedades de igreja fundamentalista são particularmente atraentes para a parcela destituída e empobrecida da população, aqueles que são privados da dignidade humana e humilhados – pessoas que praticamente só podem contemplar, com um místico de inveja e ressentimento, a festança consumista e as maneiras despreocupadas dos abastados (...). Para essas pessoas as congregações fundamentalistas fornecem um abrigo tentador e agradável que não pode ser encontrado em outros lugares. (BAUMANN, 2005, p.93)



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Ainda segundo o autor, –identidade e –pertencimentoll não são garantidos para toda vida. Ao contrário, são revogáveis e negociáveis. Ora, as comunidades do samba são constituídas, sobretudo, por descendentes de cativos, que foram subtraídos dos seus direitos de cidadãos pelas elites econômicas e políticas no Brasil e que ainda hoje enfrentam problemas sérios de racismo, discriminação e desigualdade social, trabalhando em condições análogas à escravidão. É possível que os membros de muitas dessas comunidades, onde o samba estava presente nas suas festividades associadas aos santos católicos e às divindades de cultos afroreligiosos, tenham deixado de se identificar com essas crenças e encontrado em igrejas fundamentalistas evangélicas os seus locais de pertencimento.

Outro motivo levantado pelas sambadeiras para a queda da frequência no samba de roda seria a falta de interesse dos mais jovens, influenciados pelas músicas em voga atualmente e que enxergam o samba como coisa do passado. Um terceiro motivo apontado por D. Biu é o custo que a produção de uma festa dessas representa hoje em dia, visto que, além do gasto com comida e bebida, os tocadores têm cobrado cachês que não condizem com a realidade das comunidades.

O depoimento das sambadeiras acerca das mudanças na forma de ocorrência do samba de roda, por razões diversas, aponta para uma nova forma de intercâmbio de conhecimentos com as gerações mais novas. O samba se fazia de forma comunitária, associado a ritos religiosos ou puramente para celebrações e diversão. A diminuição das rezas e carurus nas comunidades modificou em parte a forma de intercâmbio de conhecimentos em muitas delas, pois o samba deixou de estar dentro da vida cotidiana daquelas pessoas. Ao contrário, os rituais religiosos aos quais estavam associados e seus comportamentos cênicos foram demonizados, fazendo com que muitos dele se distanciassem. Mesmo que o samba ainda ocorra



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

dessa maneira em algumas localidades, outras formas de fazer o samba surgiram, envolvendo apresentações em palco, associadas à venda de um produto artístico. Assegurar que o samba continue a fazer parte do cotidiano das pessoas e que mantenha protegida a sua dimensão estética é um desafio que os sambadores e sambadeiras vêm enfrentando a cada dia. Para isso, novos processos de transmissão foram introduzidos, como formação de grupos de samba mirins, estabelecimento de redes marcadas por oficinas, vivência e trocas de saberes com Mestres e Mestras. Resta aguardar que os intercâmbios entre eles possam gerar



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

novas identificações e sentimentos de pertencimento nas futuras gerações.

3.2 O QUE O SAMBA DE RODA SIGNIFICA PARA ELAS

O samba de roda é o amor, é um conhecimento. É a verdade. É o sangue da gente, é o calor que a gente sente na vida, que mora nas veias da gente. Então é uma coisa que nunca pode parar e não pode. (...) E o samba é tudo na vida. O samba mora no sangue da gente. Mora no coração da gente. O samba é a saúde, é o amor, é a moral, (...). Sem o samba não tem alegria. Tem que esquentar o samba é a quentura do sangue da gente. (FREITAS, 2018)

O depoimento de D. Dalva Damiana de Freitas, acima, agrega uma série de palavras que vão aparecer com frequência nas falas das 12 mulheres entrevistadas, quando interrogadas sobre o que o samba de roda significa para elas. Amor, saúde, alegria, conhecimento e legado são alguns desses termos que dizem o que o samba representa em suas vidas.

A expressão —o samba é tudo na vida, utilizada por ela, também vai aparecer nos depoimentos de D. Nicinha do Samba, D. Rita da Barquinha e D. Zélia do Prato¹³ a seguir:

Ah, o samba de roda pra mim significa tudo na minha vida. Se hoje em dia eu tenho alguma coisa, agradeço ao samba de roda. Se eu tenho aqui um barraco, foi o samba de roda que me deu. Tudo que eu tenho, tem tudo a ver com o samba de roda (LUZ¹⁴, 2018).

O samba de roda, pra mim, é uma coisa, pra mim, inexplicável,



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

¹³ Zélia Maria Paiva Souza: conhecida como Dona Zélia do Prato, é sambadeira do grupo *Samba Chula de São Braz* (Santo Amaro) e *Samba Coral das Marisqueiras e Pescadores* (São Francisco do Conde).

¹⁴ Maria Eunice Martins Luz: conhecida como D. Nicinha do Samba

mas eu vou procurar falar pra explicar. Porque é uma coisa que sou apaixonada, é minha cultura, é a minhas raízes, um ritmo que pra mim foi um dos primeiros ritmos brasileiros, que hoje tem um reconhecimento, mas devia ser mais reconhecido, né, hoje. Pra mim, samba de roda e tudo pra mim. É o ritmo mais apaixonante. (SANTOS¹⁵, 2018)

O samba de roda, pra mim, é vida. Samba de roda pra mim é vida, é alegria de viver, é felicidade. Samba de roda é tudo na vida, saúde, você tá entendendo? (SOUZA¹⁶, 2018).

Percebe-se nas palavras de D. Nicinha que no —tudoll a que se refere há uma associação forte com a sua vida econômica e financeira, à estabilidade material que não teria sem as atividades que faz, relacionadas com o samba. Já para D. Rita, o termo traz uma ligação com sua ancestralidade e com a cultura local, cuja defesa e salvaguarda tem ocupado sua vida por mais de 40 anos. No caso de D. Zélia, é o motivo que encontrou para viver. Em realidade, o samba ajudou-a a se livrar de uma depressão profunda quando se viu já aposentada e com os filhos criados e fora de casa cuidando de suas próprias vidas. Ela atribui o seu restabelecimento não apenas aos medicamentos receitados pelo médico, mas, sobretudo, a sua entrada no grupo de samba *Coral de Pescadores e Marisqueiras*, de São Francisco do Conde.

A gente ensaiava toda quarta feira. Com esse ensinamento de toda quarta feira, eu comecei a ficar me libertando, melhorando. Saindo aquelas coisas da minha cabeça, foi aí que eu me foquei no samba. Comecei a minha liberdade no samba. (SOUZA, 2018).

O sentido de coletividade e cuidado aparecem na fala de D. Biu:

O samba de roda pra mim é o conjunto. Samba de roda pra mim é um abraço coletivo. (...) Samba de roda pra mim, eu disse é tudo... samba



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

de roda pra mim é como se fosse minha cozinha, fazendo minha

-
- ¹⁵ Rita Silva Machado dos Santos: conhecida como D. Rita da Barquinha
¹⁶ Zélia Maria Paiva Souza: conhecida como D. Zélia do Prato

comida, com todo amor e com todo carinho, pra que nada saia errado.
(REIS, 2018)

As palavras das entrevistadas revelam o quanto suas comunidades intercambiam conhecimento tácito por meio da proximidade dos corpos e da experiência. São elas, pois, em termos da literatura recente sobre comunidades cognitivas, —comunidades de prática, cujos membros são movidos pela paixão pela prática (FRÓES BURNHAM 2012). Podemos observar nos depoimentos supramencionados das sambadeiras que para elas o samba vai muito além do que uma expressão artística cultural que agrega música, dança e outros elementos estéticos. O samba é o que dá sentido às suas vidas, o que restabelece as energias, o que dá alegria, o que cura, o que traz felicidade. —É uma forma de respirar, de sorrir, de vibrar, como diz D. Ana Olga. É, portanto, um modo de viver e, sem ele, suas vidas não seriam as mesmas.

3.3 SER MULHER NO SAMBA DE RODA

*Veja lá meu sogro,
Veja lá meu sogro
Se eu não tenho razão
Eu chego em casa, cansado
Encontro fogo apagado
Panela no chão emborcada
Menino na rede chorando
E mulher no samba¹⁷*



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Os papéis da mulher e do homem na roda do samba do Recôncavo são

¹⁷ Veja lá meu sogro: Samba de autor desconhecido, popular em todo o Recôncavo.

bastante definidos e já mencionados anteriormente: os homens ocupam-se de tocar e cantar a música e as mulheres de traduzi-la no corpo, fazer coro, bater palmas e, se possível, tocar instrumentos como prato e faca e tabuinhas. Ocorre que existem e existiram exceções e algumas mulheres têm se destacado, ao longo do tempo, por suas expertises no canto (incluindo a *chula*), na execução do pandeiro, timbau e até mesmo instrumentos de corda (muito raro). É o caso de algumas entrevistadas desta pesquisa: D. Rita da Barquinha, que além de cantar, toca pandeiro e timbau; D. Dalva e D. Ana Olga, que são cantoras e também compositoras; D. Santinha e D. Zélia do Prato, que são exímias cantadoras de *chula*, e D. Cadu, que em alguns momentos assume a voz principal do seu grupo de samba.

Mas o papel da mulher no(s) samba(s) de roda vai muito além dos comportamentos cênicos e estéticos adotados por seus grupos. Muitas delas assumem lideranças e/ou outras distintas atividades que vão desde o cuidado com indumentária, culinária à administração, à comunicação e coordenação. Esse protagonismo exercido por elas não é algo que se iniciou nos últimos anos. D. Zélia se recorda que há mais de 60 anos eram as mulheres que organizavam os sambas:

Eu me lembro bem que minha mãe organizava também o samba. Uma senhora, por nome Binha, também organizava o samba. O samba, a organização do samba era a gente que organizava, “fulano, vumbora fazer um samba em tal lugar, “vamos fazer esse samba? ”, tinha reza no lugar, quando acabava a reza, aí o pessoal tudo começava a sambar. (SOUZA, 2018).



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Tentando compreender um pouco mais sobre isso, uma das perguntas feitas a elas foi —o que é ser mulher no samball. As respostas versaram sobre: 1) a permissão para ir ao samba; 2) a fibra necessária para realizar coisas mediante situações adversas; 3) a ausência de dificuldades pelo fato de ser mulher.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Sobre o primeiro tema, D. Zélia relembra a dificuldade que as mulheres tinham para ir ao samba no tempo de sua mãe, não apenas por zelos dos pais, mas, sobretudo, por causa de ciúmes conjugais. Fruto de uma mentalidade machista, ela conta que enfrentou (e ainda enfrenta) esse ciúme do próprio marido que tem problemas em aceitar a sua presença no samba:

Meu marido se incomodava muito, muito mesmo. Ele veio se conformar, tá com poucos tempos, e ele não aceitava eu sair para sambar, ele não aceitava. Sempre ele dizia que mulher dele, era pra ficar em casa. “Mulher minha fica em casa, ficar sambando, mexendo pros outros vim ver não”. (...). Não existe mais aquele tempo mais, que ele me trazia presa, pra eu não sambar. Agora quando a pessoa telefona pra mim „Zélia, você vai?“, „Vou, tá, pode me esperar!“. Eu não pergunto saber dele, se ele deixa eu ir ou não. (...). E ele também sabe que eu sou morta e viva pro samba, ele lavou as mãos.

Pelo mesmo motivo, D. Fiita fala que somente ganhou independência para ir ao samba depois que se tornou viúva há cerca de 40 anos. Antes disso, seu companheiro tentava impedi-la de ir ao samba: —Ele dizia que na festa eu ia dançar com ele ou com alguém da confiança dele e no samba eu ia sambar pros home tudo ver. Veja!! Que mente!!!. Mas ao contrário da atitude de D. Zélia no passado, D. Fiita o enfrentava e ia: —la sim, nunca perdi. Chegava em casa, a cara tava grande, mas depois diminuíall, comenta gargalhando.

Quando a questioneei a ela como se tornou independente financeiramente e protagonista no samba de roda, ela justifica: —Fiquei viúva! Meus filhos ficaram três *pequeno*, que eu terminei de criar com a ajuda de Deus. E tô aqui até hoje.!!

Esse enfrentamento contra uma mentalidade machista, explícito nos depoimentos das duas é comum a muitas mulheres no Recôncavo. Em conversas



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

informais em algumas comunidades da região, ouvi muitas histórias que incluem também violência física e abandono do lar pelos companheiros, deixando os filhos, geralmente numerosos, totalmente aos cuidados da mãe. Entre as 12 entrevistadas nesta pesquisa, duas delas – D. Dalva e D. Santinha – precisaram reunir muitos esforços físicos para trabalhar arduamente a fim de alimentarem sozinhas os seus rebentos. Esta última conta que antes de se casar com o atual marido, que terminou de ajudá-la a criar seus filhos, trabalhava na roça: limpava terra, cavava cova, plantava manaíba, batata, aimpim, feijão, milho, abóbora, fazia dendê, vendia na rua azeite, limão, aipim, quiabo, saía de madrugada, deixando em casa as crianças, para vender peixe em outra localidade, atravessando a mata sozinha com um facão pendurado na cintura. No caso de D. Dalva, a sua devoção ao samba de roda ainda lhe consumia do pouco que recebia. A esse respeito, sua neta Any Manuela comenta:

“Minha vó era uma mulher muito pobre, então às vezes não tinha nem do que se alimentar, dentro de casa, mas tava fazendo samba de roda...Então, eram duas lutas, uma para sustentar os filhos e outra para sustentar o samba de roda, e defender tudo que tinha no samba de roda, né. (FREITAS, 2018)

A segunda resposta entre as entrevistadas acerca do que é ser mulher no samba foi sobre ser uma pessoa de muita fibra – ou de muita —garra, [ter] a força de vontade, de querer fazer, de querer que a coisa aconteça, como diz D. Jane. Vejamos também o contundente depoimento de D. Biu (2018):

Ser mulher no samba é tem que ser firme, tem que ser forte, e tem que ser o que a gente é. Porque assim, pra gente conseguir ser mãe, sambar e ser do candomblé a gente precisa chamar muito por Deus e ter pique, porque é muito duro. Mas se a gente tiver fé naquilo que a gente quer, a gente consegue chegar, entendeu! (...) Eu me sinto muito, muito, muito, muito bem, mas eu falo muito bem, chega eu



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

sinto a emoção dentro de mim, de ser o que eu sou hoje, eu sou o que
sou. (REIS, 2018)



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Any Manuela também é outra a comentar sobre a necessidade de se manter firme nos seus propósitos para ser mulher no samba de roda. Ela cita o exemplo de D. Dalva, que lutou com fibra e coragem contra muitas adversidades, até se tornar quem é hoje. O convívio com ela ensinou-lhe a entender a importância de legado de sua avó, a perseguir seus objetivos e a se munir de ferramentas para administrar o *Grupo de Samba de Roda Suerdieck*, elaborar e gerir projetos culturais que favorecessem os interesses relacionados às manifestações culturais promovidas pela matriarca da família, e cuidar de outros interesses.

Olha, o que eu consigo desenvolver hoje no samba de roda como mulher, se dá por conta de p o r conta das lutas e da resistência de minha vó. Que naquele momento, ela criou o grupo ela pensou nas baianas, pensou nas mulheres, pensou na comunidade e pensou nas mulheres como baianas, inclusive ela mesma era quem coordenava o grupo, e ela inclusive, era quem tocava naquela época, com mais frequência. Então, aí ela vem de uma luta de um período que o samba de roda não tinha né, não tinha glória, não tinha glória (...) não tinha o reconhecimento, não tinha o respeito que tem hoje, muito pelo contrário, as discriminações eram muito frequentes. Ela tinha amigos, tinham pessoas que apoiavam, familiares, mas, também uma sociedade onde ela tinha o tempo inteiro que defender aquele coletivo...e aí a minha mãe passa isso pra mim de uma maneira...de uma maneira muito sábia até, pra que eu também continuasse...continuasse dando suporte, aprender e dar suporte com coisas que minha vó precisava, que não tinha. (FREITAS, 2018)

A terceira resposta que surgiu entre as entrevistadas, dada por D. Nicinha e D. Rita, foi a ausência de dificuldades pelo fato de ser mulher. A primeira diz que a razão para isso era o fato do marido ser sambador: —todo lugar que eu ia, ele ia. Era pra sambar e tomar batida a noite todall, diz sorrindo. D. Rita, por sua vez pondera sobre enfrentamentos negativos nas trajetórias de pessoas no samba, por serem



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

mulheres, mas diz que não teve que enfrentá-los:



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

Mas desde que eu me tenho consciência da vida, eu acompanhava o samba desde pequena, comigo nunca teve isso. Eu sempre acompanhei. Ninguém nunca me barrou por isso, por eu ser mulher e tomei a posição do samba de ser de liderar o meu grupo, e sempre me apresentei, me apresento, nunca existiu preconceito sobre eu ser mulher. (DONA RITA DA BARQUINHA, 2018)

As respostas das sambadeiras em relação ao modo como precisaram (e precisam) lutar pelas adversidades que a sobrevivência e manutenção dos filhos exigem, assim como o uso das palavras -firmezall e -librall como elementos fundamentais para isso, remetem-me às palavras de Carneiro (2011) que analisa a experiência histórica diferenciada de nós, mulheres negras, em relação às não negras, visto que o mito de fragilidade feminina, atribuído comumente a todas as mulheres, não cabe nelas:

(...) Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2011)

Talvez por nunca terem se colocado na condição de fragilidade à espera da proteção paternalista que o mito se refere, D. Rita e D. Nicinha dizem em seus depoimentos não terem sentido dificuldades no samba por serem mulheres. A inserção de ambas no mundo do trabalho foi desde muito cedo. Durante um bom tempo as duas tiveram experiências de luta árdua para que seus filhos usufríssem



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

de melhores condições e oportunidades na vida. Elas precisaram ser protagonistas



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

de suas próprias histórias, a despeito de gênero ou cor de pele. Talvez por isso não se deram conta do efeito, em suas vidas, da opressão sobre as mulheres negras, uma vez que, como seus companheiros (e depois sem eles), estavam ocupadas trabalhando para defender o pão e o leite dos filhos. No (s) samba(s) de roda, de fato, descobriram a forma mais prazerosa de viver e de se expressar, e nele(s) não encontraram as dificuldades habituais das suas vidas cotidianas e puderam ocupar um espaço singular que lhes permitiram encontrar suas identidades femininas.

3.4 APRENDIZADO COM O SAMBA DE RODA

O samba de roda é uma prática comunitária que envolve muitos aprendizados, entre eles o musical, o cênico e sinestésico; o poético e linguístico e o lástico-visual (DÖRING, 2015).

Os vídeos realizados com as sambadeiras tinham a pretensão de serem finalizados com um quadro no qual elas falassem sobre o aprendizado com o samba de roda para além das dimensões apontadas pela pesquisadora. Às vezes, por uma sequência encadeada de conversas que surgiram espontaneamente, isso foi alterado. Contudo, permito-me trazer aqui esses depoimentos que também me foram valiosos para entender a dimensão simbólica do samba de roda para essas mulheres que dedicaram ou dedicam a ele um tempo precioso das suas vidas.

—Tem muitas coisas envolvidas no samball, finalizou D. Bibi o seu depoimento no qual tentou explicar o que havia aprendido com o samba de roda para além do —samba no péll. Quais coisas seriam essas que estão atreladas à vivência dessa expressão cultural? D. Bibi falou em aprendizado de convivência: ter disciplina, seguir regras, solidariedade e união. —Se aprende que não se está só. || D. Rita concorda e diz que aprendeu —a lidar com união com cada tipo de pessoa. || D. Dalva



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

complementa com outros ganhos: consideração, humildade, respeito, tratamento igualitário entre as pessoas:

Eu aprendi com o samba de roda: considerar as pessoas, tratar bem, receber as pessoas da maneira que eu sou e que eu posso [...] Ser humilde. [...]. (FREITAS, 2018)

Amizade. Eis outro termo utilizado nesse aprendizado com o samba. Desta vez, mencionado por D. Cadu e D. Biu, que acrescenta que o samba de roda além de ser um —braço amigoll é —um bom abraço coletivoll. D. Santinha complementa fazendo menção a comportamentos e igualdade para todos:

A camaradagem, a amizade, entendeu...Saber entrar, saber sair, mesmo que a gente já tamo chegando pra idade, mas tem que aprender se comportar no lugar que chega; tem que querer aprender tratar todo mundo igual. (VASCONCELOS, 2018)

A amizade por elas mencionada possibilita a geração de uma rede de contatos e de possibilidades de expansão do espaço físico do samba para outras paragens, de receber o respeito e a consideração de outras pessoas distantes da sua comunidade, como comenta D. Nicinha, referindo-se às viagens que faz:

Eu tive muito conhecimento. Isso aí valeu a pena. Porque você faz uma amizade. O lugar que você vai é uma consideração, porque você é tratada como se fosse uma rainha. (...) Eu acho que as pessoas quando vão num lugar, se as pessoas pudessem, acho que me dava banho, acho que botava comida na minha boca. Só acha carinho, amor, então, é isso! (LUZ, 2018)

Aprender que se é aprendiz mesmo sendo Mestre, não importando a idade de quem ensina. Isso também faz parte das —muitas coisasll que o samba de roda ensina. Assim se coloca D. Rita da Barquinha:



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

[...] ninguém nasce sabendo tudo. Eu penso “ah, eu tô aqui, vou dar



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

uma oficina. Eu sou mestra, eu não sei tudo”. Eu tô ali, mas eu vou aprender também. Eu vou aprender também com todo mundo. (SANTOS, 2018)

D. Fiita é outra que se colocou entre as que aprenderam a continuar a aprender. Assim, no contato com outras sambadeiras de outras comunidades, aprendeu a conhecer novas modalidades do samba e conheceu melhor algumas que já havia ouvido falar, mas não sabia exatamente o que era. Já a aprendizagem de D. Ana gira em torno da valorização da vida, do respeito e amor ao próximo. Sua mãe, D. Dalva, lhe ensinou a servir: —O que D. Dalva passou e passa pra gente é isso aí: ‘Quem não vive para servir, não serve para viver’. Então, a gente valoriza a vida.

Any Manuela, a mais nova das entrevistadas, reúne em suas palavras um pouco de tudo que as outras falaram:

Os ensinamentos que eu tive no samba de roda, além do samba no pé, ah, foram muitos. Eu acho que essa questão de lidar com a sensibilidade das pessoas, lidar com o lado humanitário, de ter essa uma visão da realidade da pessoa. Eu conheci muitas pessoas...nossa, conheci muita gente, conheci pessoas de várias experiências, e pessoas que têm a música, que têm a cultura como um motivador de continuar a viver, de ter expectativas, sonhos e sentimentos. (...)em termos de consciência humanitária, de respeito, de valorização das pessoas, independentemente da idade que elas tenham. (FREITAS, 2018)

—Tem muitas coisas envolvidas no sambal, disse D. Bibi. Parece-me que sim. A partir das narrativas aqui expostas, podemos entender a multiplicidade de experiências, sentimentos, símbolos, comportamentos que se entrelaçam às práticas do samba de roda. Fazer samba não é contar piada, como lembra o poeta Vinício de Moraes em sua composição Samba da Bênção, em parceria com Baden Powel. Dificilmente quem é de fora da vivência cotidiana e comunitária do samba vai



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

entender a teia de memórias que o envolve, tecida com linhas tênues de crenças, valores, linguagens, estéticas, códigos, sensações, compromissos. Para fazer samba de roda é preciso aprender a andar sobre essa rede de cruzamentos simbólicos e performáticos e nela se envolver emocionalmente.

As palavras das entrevistadas, expressas ao longo de toda esta sub sessão, me trazem à mente a visão espacial da roda. Cada corpo colocado lado a lado traz um universo de referências adquiridas ao longo dos muitos enfrentamentos diante da condição de ser afrodescendente, de sexo feminino e ter vivido em ambientes marcados pela desigualdade social. Dentro do círculo, termos como convivência, amizade, união, humildade, igualdade se chocam com tensões, contornadas pela aprendizagem do respeito às diferenças. Naquele centro ancestral, o sentimento de amor se intensifica no desejo de continuidade e de proteção ao bem imaterial que praticam. Faz com que elas encarem o desafio de não romper o elo com os antepassados e de construir novas formas de transmissão em diálogo com as atuais configurações estéticas, conformadas, sobretudo, a partir do registro de patrimônio. A roda precisa seguir com seus procedimentos cênicos. Que os desafios sirvam para que demandem políticas públicas para garantir a continuidade das práticas e, assim, possam devolver a D. Biu e outras tantas senhoras do samba de roda a alegria que lhe foi tirada.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessas últimas considerações sinalizo que os vídeos postados no canal do Youtube *Sambadeiras do Recôncavo da Bahia* mostram o empoderamento das mestras e revelam os seus enfrentamentos enquanto mulheres, a forma como veem o samba de roda e se expressam através dele. Elas o vivenciaram desde meninas, numa época que os únicos elementos motores daquela manifestação humana eram



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

o amor e o prazer, e que havia pouquíssimos grupos organizados. Entretanto, viram



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

também rarear os eventos de samba e minguar o interesse dos mais jovens. Depois assistiram ao surgimento de grupos organizados enquanto tais e também novas configurações de apresentação dos eventos, transmissão e difusão dos saberes. A utilização de novas tecnologias para difusão do trabalho das mestras sambadeiras através de um canal no portal Youtube se propôs a disponibilizar essa experiência delas na internet, através das suas próprias vozes e performances. Muito se pode extrair do universo de referências que trazem e do desejo irrefutável de dar continuidade à prática dessa manifestação festiva, na qual convivência, amizade, respeito, humildade, disciplina convivem com tensões e intercorrências e com a busca de superação através do respeito às diferenças.

Observo três grandes desafios para a permanência dos grupos: a falta de divulgação nos meios de comunicação; desvalorização dos trabalhos pelos organizadores de eventos públicos e privados, com pagamento de cachês ínfimos e desiguais em relação aos conjuntos musicais de fora da região; e a inexistência de políticas públicas municipais, estaduais e federais que possibilitem ganhos materiais para as pessoas que fazem o samba de roda.

Os dois primeiros estão mais diretamente relacionados, uma vez que os meios de comunicação interferem na valorização dos trabalhos junto aos contratantes. Se a música não toca na rádio ou na televisão aberta – veículos de massa de grande alcance, dominados por uma indústria cultural manipuladora de opiniões –, isso dificulta a formação de plateia, tanto nas comunidades locais como nas externas. Ao mesmo tempo, o não recebimento de cachês adequados interfere na produção material dos grupos, que envolve desde a confecção de figurinos até a compra de instrumentos e/ou equipamentos de som. Mais ainda, os baixos cachês não permitem que os sujeitos que fazem o samba supram as necessidades



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

materiais básicas, que garantam o sustento, a saúde e a moradia digna para si mesmos e para seus filhos. A maioria deles e delas, mesmo o(a)s de idade mais avançada, precisam trabalhar arduamente em outros ofícios para sobreviver, e suas moradias estão longe de terem as condições adequadas para um conforto merecido.

E isso reporta ao terceiro desafio, que é a inexistência de políticas públicas que cuide da materialidade daqueles que preservam a imaterialidade do samba. Os Mestres e Mestras são pessoas que trabalha(ra)m em funções que exigem muito esforço físico. Dedicam-se ao samba por amor e pelo desejo de preservar essa tradição, muitas vezes apenas pagando o transporte e recebendo -um agradoll. Mas sambar também exige muito do corpo e, por isso, é comum ouvir, sobretudo das mulheres, queixas de dores nas articulações do joelho ou da coluna. E, no entanto, o registro do patrimônio do samba de roda não veio acompanhado de políticas públicas que garantissem a subsistência ou a saúde dos mantenedores da sua salvaguarda. Os incentivos públicos foram voltados para o fenômeno em si, mas não para os seus Mestres e Mestras.

Ora, podemos argumentar que o samba sempre foi comunitário e antes do registro de patrimônio os grupos também não recebiam incentivos públicos. Os sambadores e sambadeiras precisaram contar sempre com seus próprios recursos ou de parceiros para dar continuidade às suas tradições. Porém, as vozes das entrevistadas apontam mudanças socioculturais que atingiram o samba diretamente, diminuindo muito a frequência dos eventos. Uma dessas mudanças foi a conversão religiosa de alguns de seus praticantes ou da vizinhança ao fundamentalismo cristão, que abalou o principal motor dos eventos ligados a santos católicos e às divindades dos cultos afro-religiosas, que era a fé. E a fé costumava mover montanhas para que essas celebrações fossem realizadas. Outra mudança apontada foi a influência de outros ritmos musicais por parte dos meios de



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

comunicação, o que levou ao desinteresse das novas gerações.

Ao criar um canal no Youtube para a veiculação dos depoimentos das



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

mestras smabadeiras sobre suas práticas e vivências no samba, acreditei que isso poderia auxiliar na valorização, preservação e difusão das mesmas, além de permitir uma conexão com nossos antepassados e atualizar os anseios de preservação desse patrimônio imaterial.

Ressalto, por fim, que este trabalho me deu a oportunidade de aprender a ler, nas entrelinhas das cenas do samba de roda, o protagonismo das mulheres. A atuação delas sempre esteve presente na organização dos eventos religiosos que permeavam a realização dos sambas, na culinária envolvida, cuidadosamente preparada; na produção da indumentária característica dos grupos. Também são elas que fazem o samba acontecer cenicamente, com suas performances no centro e fora da roda. Para elas o samba vai muito além do que uma expressão artística cultural que agrega música, dança e outros elementos estéticos. O samba é o que dá sentido às suas vidas, o que restabelece as energias, o que dá alegria, o que cura, o que traz felicidade. É, portanto, um modo de viver e, sem ele, suas vidas não seriam as mesmas. Talvez por isso mesmo elas estejam também na base familiar e comunitária que dá suporte ao samba tradicional e que mantém a sua chama acesa pronta para que possamos acessar nossas memórias ancestrais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela. **É preta, kalunga**: A capoeira angola como prática política entre os angoleiros baianos – Anos 90-90. Salvador: Fundação Gregório de Matos, Coleção capoeira Viva II, 2015.

ARDOINO, Jacques. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

BAUMANN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

BIÃO, Armindo. Etnocenologia, uma introdução. In: GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (org.). **Etnocenologia**: textos selecionados. São Paulo: Annsblume, 1999.

BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana**: textos reunidos. Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledes**, São Paulo, 6.mar.2011.

Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em:

18.fev.2018

DÖRING, Katharina. **Uma vida para o samba de roda**: aprendizado estético e significativo ao longo da vida no Recôncavo. Disponível em:

<<http://www.cult.ufba.br/wordpress/wp-content/uploads/Uma-vida-para-o-Samba-de-Roda-Katharina-Doring.pdf>> Acesso em: 27. jun.2015.

DÖRING, Katharina. **A Cartilha do samba chula**. Salvador: Natura Musical, 2016.

FAGUNDES, Norma C.; FRÓES BURNHAM, Teresinha. Transdisciplinaridade, Multirreferencialidade e Currículo. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, n. 5, 2001. Disponível em:

<<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ri/1386/1/2013.pdf>>.

Acesso em: 20.mar.2018. <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v6>

FREITAS, Any Manuela. **Any Manuela Freitas**: depoimento [23/04/2018]. Sambadeira do Grupo de Samba de Suerdieck. Entrevistadora: Clécia Queiroz. Cachoeira [s.n.], 2018.

FREITAS, Dalva. **Dalva Damiana de Freitas (D. Dalva)**: depoimento [18/05/2018]. Sambadeira do Grupo de Samba de Roda Suerdieck. Entrevistadora: Clécia Queiroz. Cachoeira [s.n.], 2018.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. Complexidade, multirreferencialidade, subjetividade: três referências polêmicas para a compreensão do currículo escolar. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p.35-55

FRÓES BURNHAM, Teresinha. Sociedade da informação, sociedade do



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN 26755718
REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. *In*: LUBISCO, N.; BRANDAO, L. (org.). **Informação e Informática**. Salvador:



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN
26755718

REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

EDUFBA, 2000.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. Análise contrastiva: memória da construção de uma metodologia para investigar a tradução de conhecimento científico em conhecimento público. **Data Revista de Ciêntítulo em negriticia da Informação**, Salvador, v. 3, n. 3, jun.2002. Disponível em <
<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2985>>Acesso em: 13/11/2015.

FRÓES BURNHAM, Teresinha et al. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem**: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento. Salvador:EDUFBA, 2012.

KHAZNADAR, Chérif. Contribuição para uma definição do conceito de Etnocenologia. In GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (org). **Etnocenologia**: textosselecionados. São Paulo: Annsblume, 1999.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e Memória**. 5.ed. Campinas:UNICAMP, 2003, p. 419-476.

LUZ, Maria Eunice Martins. **Maria Eunice Martins Luz (D. Nicinha)**: depoimento [11/04/2018] . Sambadeira do Grupo Raízes de Santo Amaro. Entrevistadora: CléciaQueiroz. Santo Amaro [s.n.], 2018.

MACEDO, Sidnei R. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas ena educação**. 2ed. Salvador: EDUFBA, 2004. E-book

_____. Por uma epistemologia multirreferencial e complexa nos meios educacionais. In: BARBOSA, J. (org.) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. . São Carlos:EDUFSCAR, 1998.

NASCIMENTO, Ana Olga. **Ana Olga Freitas dos Santos Nascimento**: depoimento [2/11/2018]. Sambadeira do Grupo de Samba de Roda Suerdieck. Entrevistadora: CléciaQueiroz. Cachoeira [s.n.], 2018.

Falta o título do capítulo



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN
26755718

REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

PRADIER, Jean-Marie. *In*: GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (org).

Etnocnologia:

textos selecionados. São Paulo: Annsblume, 1999, p. 23-29.

REIS, Berenice Borges dos. **Berenice Borges dos Reis (D. Biu)**. depoimento [12/05/2018].

Sambadeira do Grupo Raízes de Angola. Entrevistadora: Clécia Queiroz. São Francisco do Conde [s.n.], 2018.

SANTOS, Rita Silva Machado dos. **Rita Silva Machado dos Santos (D. Rita da Barquinha)**: depoimento [12/04/2018]. Sambadeira de Bom Jesus dos Pobres. Entrevistadora: Clécia Queiroz. Bom Jesus dos Pobres, Saubara, [s.n.], 2018.

SANTOS, Nívea. Pano da Costa ou Alafá. **Cadernos do IPAC**, 2009.

SOUZA, Zélia Maria Paiva. **Zélia Maria Paiva Souza (D. Zélia do Prato)**. Depoimento [27/07/2018]. Sambadeira do Grupo Samba Chula de São Braz. Entrevistadora: Clécia Queiroz. São Braz, Santo Amaro [s.n.], 2018.

VASCONCELOS, Maria. **Maria Santos de Jesus (D. Santinha)**: depoimento [12/04/2018]. Sambadeira do Grupo Raízes de Acupe. Entrevistadora: Clécia Queiroz. Acupe, [s.n.], 2018.

Credenciais da autora

QUEIROZ, Clécia Maria Aquino. Professora da Universidade Federal de Sergipe, graduada em Licenciatura em Dança (UFBA), Mestre em Artes (Howard University). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4561-1927> Email: cleciaqueiroz@academico.ufs.br

Endereço para correspondência: Clécia Maria Aquino de Queiroz. Av. Dom João, VI, 236

– apt. 203 – Brotas CEP 30285-001, Salvador/Bahia E-mail: cleciaqueiroz@gmail.com

Como citar este artigo: QUEIROZ, Clécia Maria Aquino. Sambadeiras do Recôncavo da Bahia: Um projeto de samba de roda envolvendo um



REVISTA ELITE: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS. ISSN
26755718

REVISTA ELITE- Ano 2, n.02, jan./dez-2020

coletivo de mulheres. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 4, n. 4, p. x-x,
2020.